

**INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS  
NA HABILIDADE DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA EM CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO FONOLÓGICO**

***INFLUENCE OF LINGUISTIC AND EXTRALINGUISTIC VARIABLES ON THE  
PHONOLOGICAL AWARENESS ABILITY IN CHILDREN WITH PHONOLOGICAL  
DISORDER***

*Bárbara Luísa Simonetti<sup>1</sup>*

*Leticia Pacheco Ribas (UFCSPA)<sup>2</sup>*

**RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo verificar a influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas na habilidade de Consciência Fonológica em crianças com Transtorno Fonológico. A partir dos resultados de avaliações fonoaudiológicas que integram um banco de dados (CEP 995.344), fez-se a composição da amostra deste estudo. A amostra contou com dados linguísticos das avaliações de fala de todas as crianças que realizaram o teste de Consciência do Próprio Desvio de Fala e o teste de Consciência Fonológica a partir do Instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS, bem como dados extralinguísticos como sexo, idade, escolaridade e hipótese de escrita. Para a análise destes dados foi utilizado o Teste Exato de Fisher e o Teste de *Mann-Whitney*, ambos oriundos do programa estatístico SPSS versão 16.0. Os resultados indicam que as variáveis linguísticas, como o desempenho no Teste de Consciência do Próprio Desvio de Fala, e as variáveis extralinguísticas analisadas no estudo não influenciam diretamente nas habilidades de Consciência Fonológica das crianças, mas que há influência da escolaridade para tal habilidade metalinguística e um forte impacto desta em

1 Integrante do Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde com ênfase em Oncematologia na Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre em parceria com a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

2 Professora Adjunto da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

relação ao nível fonêmico. Com o presente estudo pode-se concluir que crianças com Transtorno Fonológico se beneficiariam com atividades de conhecimento explícito acerca dos sons de sua língua, aprimorando, portanto, um dos aspectos do processamento fonológico, que é a consciência fonológica.

**Palavras-chave:** Transtorno Fonológico; Linguagem Infantil; Testes de Linguagem; Desenvolvimento da Linguagem; Percepção da Fala.

## ABSTRACT

The present study aims to verify the influence of linguistic and extralinguistic variables on the phonological awareness ability in children with phonological disorder. The sample composition of this study was made from the results of speech-language evaluations that integrate a database (REC 995.344). The sample included linguistic data from the speech assessments of all children who underwent the Self-Awareness of Speech Disorder test and the Phonological Awareness test from the Sequential Evaluation Instrument - CONFIAS, as well as extralinguistic data such as gender, age, schooling and writing hypothesis. For the analysis of this data we used Fisher's Exact Test and the Mann-Whitney Test, both from the SPSS version 16.0 statistical program. The results indicate that the linguistic variables, such as the performance on the Self-Awareness of Speech Disorder test, and the extralinguistic variables analyzed in the study do not directly influence the phonological awareness abilities of the children, but that there is an influence of schooling for this metalinguistic ability and with it a strong impact on the phonemic level. With the present study it can be concluded that children with phonological disorder would benefit from activities on explicit knowledge about the sounds from their language, thus improving one of the aspects of phonological processing, which is phonological awareness.

**Keywords:** Speech Sound Disorder; Child Language; Language Tests; Language Development; Speech Perception.

## 1. Introdução

A aquisição fonológica típica corresponde ao processo gradual do domínio do sistema fonológico, que ocorre espontaneamente com a maioria das crianças, e caracteriza-se pela compreensão da organização e do funcionamento dos fonemas da língua-alvo, assim como pela produção adequada dos sons. A aquisição deste nível linguístico deve estar concluída, aproximadamente, aos cinco anos de idade (BACKES *et al.*, 2013, p. 67; SCOPEL; SOUZA; LEMOS, 2012, p. 732).

Por sua vez, há crianças que, durante o processo de aquisição fonológica, apresentam alterações de fala e uma produção distinta se comparada a outras crianças da mesma faixa etária, sem uma

etiologia orgânica aparente. Tais alterações linguísticas podem ser chamadas de Desvio ou Transtorno Fonológico e estão relacionadas a problemas organizacionais do sistema fonológico (BERTICELLI; MOTA, 2013, p. 572; MELO *et al.*, 2012, p. 304; WERTZNER *et al.*, 2012, p. 189).

Com um sistema fonológico de produção distinto do *input* recebido, ou seja, diferente do modelo adulto da comunidade linguística em que a criança está inserida, crianças com Transtorno Fonológico parecem ter acesso a representações fonológicas normais, sendo capazes de refletir sobre os sons da fonologia ou do sistema, por meio de uma habilidade cognitiva conhecida como Consciência Fonológica (RIBAS *et al.*, 2013, p. 374). Tal habilidade pressupõe a capacidade que as crianças têm em identificar que a fala é constituída por unidades menores (frases, palavras, sílabas e fonemas) que podem ser manipuladas conscientemente, a fim de formar novas palavras com os mais diversos sentidos (VIEIRA, 2014, p. 658).

A Consciência Fonológica pode ser classificada em três níveis distintos de habilidades, levando em consideração as diferentes maneiras pelas quais as palavras e sílabas podem ser divididas em unidades sonoras menores e a complexidade do sistema fonológico. Os três níveis são: consciência de rima e aliteração ou suprasegmentares – identificação de palavras que iniciam ou terminam com o mesmo grupo de som; consciência silábica – reconhecimento das sílabas das palavras; consciência fonêmica – manipulação dos fonemas constituintes das palavras (ROSAL; CORDEIRO; QUEIROGA, 2013, p. 838).

Sabendo que crianças com aquisição fonológica atípica são capazes de manipular conscientemente as organizações linguísticas, com habilidade metalinguística para tal, pode-se pressupor que as mesmas conseguem reconhecer seus próprios desvios de fala, ou seja, apesar de suas expressões linguísticas caracterizarem-se por omissões e substituições de fonemas, devido a dificuldade na organização mental dos sons, algumas crianças conseguem ouvir e julgar os desvios presentes nas suas produções, portanto, têm consciência do próprio desvio de fala. Isso indica que, possivelmente, crianças com Transtorno Fonológico refletem e julgam suas produções, baseando-se no *input* de produção correta que recebem do seu meio e não especificamente de suas produções linguísticas (MENEZES, 1999, p. 88). No entanto, torna-se necessário, para tal habilidade, uma maturação e integridade do sistema auditivo, visto que este sistema é fundamental tanto para a percepção e compreensão da fala, quanto para a aquisição fonológica (DIAS, 2012, p. 1243).

Além das variáveis linguísticas citadas anteriormente, como a habilidade de Consciência Fonológica e de consciência do próprio desvio de fala, há uma importante influência das variáveis extralinguísticas na aquisição fonológica dos sujeitos diagnosticados com Transtorno Fonológico. Cabe ressaltar aqui quatro das variáveis mais analisadas em pesquisas com esta população alvo, a constar:

idade, sexo, escolaridade e hipótese de escrita. A idade é um fator determinante tanto para as crianças com aquisição típica do sistema fonológico, quanto para as crianças com Transtorno Fonológico, visto que, à medida em que a criança vai ficando mais velha, começa a utilizar mecanismos diferenciados frente às suas dificuldades linguísticas, passando a incorporar, aos poucos, os elementos do sistema fonológico nas suas produções de fala (RIBAS; SANT'ANNA; SILVA, 2015, p. 301). No que se refere à variável sexo, é frequente observar a disparidade entre o número de crianças do sexo masculino e o do feminino com distúrbios da comunicação humana, já que há mais meninos entre as crianças com distúrbios de linguagem do que meninas. Assim como as variáveis idade e sexo, há outras variáveis que devem ser levadas em consideração, especialmente quando se pretende analisar a habilidade de Consciência Fonológica em crianças com Transtorno Fonológico. Tais variáveis são a escolaridade e a hipótese de escrita, pois já há estudo (NOVAES; MISHIMA; SANTOS, 2013, p. 196) afirmando que a Consciência Fonológica influencia e é fortemente influenciada pelo grau de instrução formal que a criança apresenta, visto que uma aquisição fonológica desviante pode interferir na capacidade metafonológica dos indivíduos e, conseqüentemente, na aquisição da leitura e da escrita.

A escrita inicial das crianças pode ser caracterizada por quatro hipóteses gerais (MOOJEN *et al.*, 2003, p. 16). Na hipótese de escrita pré-silábica, a criança faz uso de números, letras e/ou pseudo-letras, sem quantidade e valor sonoro. Em suas escritas, pode-se observar a representação de características físicas dos objetos e a utilização de formas fixas de escrita, como, por exemplo, as letras do próprio nome. Na hipótese silábica, a escrita representa partes sonoras da fala, tornando-se necessário atribuir uma única letra para cada sílaba, sendo esta com ou sem valor sonoro. Já na hipótese de escrita silábico-alfabética, observa-se a passagem da hipótese de escrita silábica para a alfabética, em que a criança descobre a necessidade de fazer uma análise que vá além da sílaba, com manifestações alternantes de valor silábico e fonético para as diferentes letras. Na hipótese de escrita alfabética, a criança começa a realizar uma análise sonora dos fonemas, pois compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba. No entanto, suas produções escritas não atendem à norma ortográfica.

Considerando os apontamentos descritos anteriormente, acredita-se que crianças com rebaixamento de Consciência Fonológica podem ter maior dificuldade para reconhecer seus próprios desvios de fala, o que pode contribuir para a não-aquisição e/ou a não-organização de elementos do sistema fonológico. Sendo assim, o presente estudo, tem como objetivo verificar o impacto de variáveis linguísticas e extralinguísticas na habilidade de Consciência Fonológica em crianças com Transtorno Fonológico.

## 2. Material e método

Este estudo caracteriza-se por ser do tipo transversal, de análise quantitativa e descritiva de achados secundários oriundos de um banco de dados, aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP 995.344). O referido banco de dados é constituído de informações detalhadas a respeito de avaliações fonoaudiológicas de 130 crianças com diagnóstico de Transtorno Fonológico, falantes monolíngues do Português Brasileiro (PB), procedentes de uma escola pública, na faixa etária de 5 a 10 anos, de ambos os sexos. Todos os responsáveis pelas crianças assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Em relação à metodologia utilizada para composição do banco de dados, será descrito a seguir como cada avaliação foi realizada. Com base em tais resultados, extraiu-se a amostra deste estudo. As avaliações foram realizadas sem dependência entre um e outro instrumento, por examinadores treinados para aplicá-los, em um período breve para que todos os resultados refletissem um panorama atual da criança em relação à Consciência Fonológica, sua fonologia e as demais variáveis em estudo.

A análise do sistema fonológico das crianças foi feita pela Avaliação Fonológica da Criança (AFC) (YAVAS; HERNANDORENA; LAMPRECHT, 1991, p. 14), que é um instrumento composto por cinco desenhos temáticos (banheiro, cozinha, sala, veículos e zoológico) e que permitem a produção, por meio de nomeação e fala espontânea, de 97 palavras básicas preconizadas pelo instrumento e 28 opcionais, totalizando 125 palavras. Com a transcrição fonética da fala produzida durante a avaliação foi realizada a análise contrastiva.

Outro dado analisado foi o da avaliação da Consciência do Próprio Desvio de Fala (CPDF) (MENEZES, 1999, p. 56), que tem como objetivo fazer com que a criança ouça e julgue os erros existentes em sua própria fala. Analisando os dados referentes ao teste de CPDF, constatou-se que, foram selecionadas e apresentadas aleatoriamente, uma única vez, em um segundo momento, gravações de 14 palavras-alvos, diferente do teste original (MENEZES, 1999, p. 57) que preconiza o julgamento, em dois momentos, de gravações de dez palavras-alvos produzidas pela criança, no momento da coleta de fala na avaliação fonológica, considerando o inventário fonético/fonológico de cada criança e a representatividade das alterações da fala da mesma, na qual são identificados os processos fonológicos existentes. Para cada criança pesquisada foram apresentadas as gravações de tais palavras, as quais deveriam ser julgadas como produzidas de maneira adequada ou inadequada. Essas gravações foram apresentadas isoladamente para que a criança não percebesse que se tratava de palavras produzidas por elas mesmas. A pontuação máxima possível de ser alcançada era de 14

pontos, pois para cada julgamento correto foi atribuído um ponto e, para os julgamentos incorretos, zero ponto. Foram consideradas como tendo consciência do próprio desvio de fala as crianças que produziram corretamente a palavra e que julgaram como uma produção correta, bem como as crianças que produziram de maneira errada e julgaram como uma fala inadequada. Em contrapartida, as crianças classificadas por não apresentarem consciência do próprio desvio foram aquelas que produziram corretamente as palavras, mas julgaram como produção errada, bem como aquelas que produziram errado e julgaram que a fala estava correta.

Na análise dos dados, foi estipulado para este estudo, assim como em um outro estudo (DIAS *et al.*, 2012, p. 1244), que porcentagens abaixo de 60% de acertos eram consideradas indicativas de que a criança não teria estabelecida a consciência do próprio desvio de fala. Já resultados iguais ou maiores que 60% de acertos nos julgamentos indicariam o estabelecimento da consciência do próprio desvio de fala. Adotou-se a porcentagem de 60% com base na média do valor máximo (100%) que poderia ser atingido pelos sujeitos.

Foram também analisados os resultados da Consciência Fonológica Instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS (MOOJEN *et al.*, 2003, p. 21), constituído por um conjunto de nove tarefas no nível de sílaba e um conjunto de sete tarefas no nível do fonema. As tarefas do nível de sílaba constituem-se em: síntese (S1); segmentação (S2); identificação de sílaba inicial (S3); identificação de rima (S4); produção de palavra com a sílaba dada (S5); identificação de sílaba medial (S6); produção de rima (S7); exclusão (S8); transposição (S9). As tarefas do nível do fonema são as seguintes: produção de palavra que inicia com o som dado (F1); identificação de fonema inicial (F2); identificação de fonema final (F3); exclusão (F4); síntese (F5); segmentação (F6); transposição (F7). Cada resposta correta da criança equivale a um ponto, totalizando 70 pontos o número total de acertos possíveis (tarefas silábicas = 40 pontos e tarefas fonêmicas = 30 pontos).

Para fins de avaliação do desempenho dos sujeitos testados, é coletada uma amostra simples de escrita, constituída pela grafia do próprio nome, pela escrita das palavras “castelo” e “esqueleto” e pela frase “o fantasma abriu a porta”. As amostras de escrita são analisadas e classificadas de acordo com as hipóteses de escrita propostas por Ferreiro e Teberosky (MOOJEN *et al.*, 2003, p. 23-24), cuja classificação utilizada é descrita a seguir. Hipótese pré-silábica - etapa em que a criança não realiza a correspondência entre a fala e a escrita; hipótese silábica – em seus registros escritos atribui uma letra a cada sílaba da palavra em questão; hipótese silábico-alfabética – quando a criança descobre a necessidade de fazer uma análise que vá além da sílaba; hipótese alfabética - a criança dá início a uma escrita mais regular e regida pelos princípios alfabéticos.

O instrumento CONFIAS possibilita uma análise quantitativa do desempenho dos sujeitos, pois determina a média e o desvio padrão para cada hipótese de escrita, levando em consideração o nível do teste (sílabas, fonemas e sílabas+fonemas) (Quadro 1).

**Quadro 1** – Escores do teste CONFIAS

Hipótese de escrita \ Nível do teste	Sílabas		Fonemas		Total	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Pré-silábica	23,52	5,51	8,28	2,21	31,8	6,52
Silábica	27,56	4,55	9,28	3,21	36,84	6,48
Silábico-alfabética	31,8	4,58	15,2	3,25	47	5,66
Alfabética	35,8	4,41	20,6	5,32	56,4	8,96

Legenda : DP : Desvio padrão

Fonte: Moojen et al. (2003)

Além disso, fornece o número mínimo e máximo de acertos esperados em cada hipótese de escrita, tanto no nível da sílaba como no nível do fonema (Quadro 2).

**Quadro 2** - Números de acertos esperados no CONFIAS

Hipótese de escrita \ Nível do teste	Mínimo		Máximo	
	Sílabas	Fonemas	Sílabas	Fonemas
Pré-silábica	18	6	29	10
Silábica	23	6	32	12
Silábico-alfabética	27	12	36	18
Alfabética	31	15	40	26

Fonte: Moojen et al. (2003)

A amostra do presente estudo contou com dados linguísticos das avaliações fonológicas de todas as crianças que realizaram o teste de CPDF e o teste de Consciência Fonológica a partir do Instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS, bem como extralinguísticos como sexo, idade, escolaridade e hipótese de escrita. Com base nestes critérios, foram selecionados os achados de 42 sujeitos, com idades entre 5 e 9 anos, visto que do total de dados do Banco em relação aos 130 sujeitos, apenas 10 meninas e 32 meninos foram submetidos ao teste de CPDF. Das 42 crianças, 14 estavam na educação infantil, 13 no 1º ano do ensino fundamental, dez no 2º ano do ensino fundamental, dois no 3º ano do ensino fundamental e três no 4º ano do ensino fundamental.

Todos os dados extraídos do banco foram analisados estatisticamente a partir da associação entre os resultados encontrados no desempenho da avaliação da Consciência Fonológica e cada uma das demais variáveis. Para a realização da análise quantitativa desses dados foi utilizado, nas variáveis sexo e CPDF, o Teste Exato de Fisher para calcular a probabilidade de associação das características que estão em análise, ou seja, a probabilidade de tais características serem independentes, pois o número total de dados é pequeno; e para as demais variáveis como escolaridade, idade, hipótese de escrita, nível de fonema e nível de sílaba foi utilizado o Teste de *Mann-Whitney*, visto que, nestes casos, é possível classificar as variáveis numa escala ordinal, ambos oriundos do programa estatístico SPSS versão 16.0. Foi considerado, no estudo, o valor crítico de  $p$  menor ou igual a 0,05, ou seja, com margem de segurança de 5% de chances de erro e 95% de chances de estar certo.

### 3. Resultados

Em relação aos dados dos 42 sujeitos que fizeram parte da amostra do presente estudo, 35 (83,3%) apresentaram habilidades de Consciência Fonológica adequadas e sete (16,7%) rebaixadas. Os achados referentes às variáveis extralinguísticas das crianças, como sexo, idade, escolaridade e hipótese de escrita, foram reunidas (Tabela 1) a fim de formar um perfil do público alvo.

**Tabela 1:** Variáveis extralinguísticas x Consciência Fonológica

Variáveis extralinguísticas	Consciência Fonológica adequada		Consciência Fonológica rebaixada		Total
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual	
<b>SEXO</b>					
<b>Feminino</b>	8	80,0%	2	20,0%	10
<b>Masculino</b>	27	84,4%	5	15,6%	32
<b>ESCOLARIDADE</b>					
<b>Educação Infantil</b>	10	71,4%	4	28,6%	14
<b>1º ano</b>	10	76,9%	3	23,1%	13
<b>2º ano</b>	10	100,0%	0	0,0%	10
<b>3º ano</b>	2	100,0%	0	0,0%	2
<b>4º ano</b>	3	100,0%	0	0,0%	3
<b>IDADE</b>					
<b>5 anos</b>	8	88,9%	1	11,1%	9
<b>6 anos</b>	16	80,0%	4	20,0%	20
<b>7 anos</b>	6	75,0%	2	25,0%	8
<b>8 anos</b>	4	100,0%	0	0,0%	4
<b>9 anos</b>	1	100,0%	0	0,0%	1
<b>HIPÓTESE DE ESCRITA</b>					
<b>Pré-silábica</b>	25	80,6%	6	19,4%	31
<b>Silábica</b>	5	83,3%	1	16,7%	6
<b>Silábico-alfabética</b>	2	100,0%	0	0,0%	2
<b>Alfabética</b>	3	100,0%	0	0,0%	3

Fonte: elaboração própria

Analisando a variável sexo ( $p=0,539$ ) por meio do Teste Exato de Fisher, no programa estatístico SPSS versão 16.0, e as demais variáveis (idade, escolaridade e hipótese de escrita), com o Teste de Mann-Whitney (Tabela 2), foi constatado que todas as variáveis extralinguísticas não são estatisticamente significativas para a habilidade de Consciência Fonológica. Entretanto, a variável escolaridade apresentou um  $p=0,053$ , mostrando ser favorável para a Consciência Fonológica adequada, mesmo não sendo significativo se for considerado o  $p$  valor igual ou menor que 0,05.

**Tabela 2:** Resultados do teste estatístico de Mann-Whitney

	Escolaridade	Idade	Hipótese de Escrita	Nível fonema	Nível sílaba
Mann-Whitney U	65,000	122,000	102,500	11,000	82,500
Wilcoxon W	93,000	150,000	130,500	39,000	110,500
Z	-2,023	-,018	-,875	-4,198	-2,651
Asymp. Sig. (2-tailed)	,043	,986	,381	,000	,008
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	<b>,053<sup>b</sup></b>	1,000 <sup>b</sup>	,508 <sup>b</sup>	<b>,000<sup>b</sup></b>	,181 <sup>b</sup>

Fonte: elaboração própria

Quando analisados os dados da variável linguística relacionada ao desempenho na avaliação da Consciência Fonológica - nível de fonema e nível de sílaba (Tabela 3), com o Teste de Mann-Whitney (Tabela 2), foi constatado que a única variável estatisticamente significativa para a habilidade metafonológica adequada é apresentar um bom desempenho no nível do fonema, no Instrumento de Avaliação Sequencial - CONFIAS ( $p=0,00$ ). Tal achado diverge dos resultados relativos ao desempenho no teste de CPDF (Tabela 4), que demonstraram não serem significativos para a habilidade de Consciência Fonológica, utilizando o Teste Exato de Fisher, do programa estatístico SPSS versão 16.0 ( $p=0,081$ ).

**Tabela 3:** CONFIAS (nível do fonema e nível da sílaba) x Consciência Fonológica

CONFIAS	Consciência Fonológica adequada		Consciência Fonológica rebaixada		Total
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual	
<b>FONEMA</b>					
<b>Rebaixado</b>	0	0,0 %	6	100,0%	6
<b>Adequado</b>	22	95,7%	1	4,3%	23
<b>Superior</b>	13	100,0%	0	0,0%	13
<b>SÍLABA</b>					
<b>Rebaixado</b>	0	0,0%	2	100,0%	2
<b>Adequado</b>	33	86,8%	5	13,2%	38
<b>Superior</b>	2	100,0%	0	0,0%	2

Fonte: elaboração própria

**Tabela 4:** Consciência do Próprio Desvio de Fala x Consciência Fonológica

Consciência do próprio desvio	Consciência Fonológica adequada		Consciência Fonológica rebaixada		Total
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual	
	Consciência do desvio	23	92,0%	2	
Não consciência do desvio	12	70,6%	5	29,4%	17

Fonte: elaboração própria

#### 4. Discussão

Sabe-se que, para indivíduos com aquisição de linguagem típica, a habilidade de Consciência Fonológica é fortemente influenciada por variáveis linguísticas e extralinguísticas. O que muitos estudos desconhecem, e que este estudo pretende abordar, é que estas mesmas variáveis podem influenciar indivíduos com aquisição de linguagem atípica, ou seja, com Transtorno Fonológico.

Existem, atualmente, inúmeros estudos sobre Consciência Fonológica, porém poucos detiveram-se a analisar se há ou não relações entre as habilidades em Consciência Fonológica e o sexo dos sujeitos participantes do estudo, em crianças com Transtorno Fonológico. Há um estudo (FREITAS; CARDOSO; SIQUARA, 2012, p. 41) com crianças de 4 a 8 anos, sem alterações de linguagem, que revela uma tendência mais acentuada das meninas, pois apresentaram melhor desempenho nas habilidades em Consciência Fonológica, quando comparadas ao desempenho dos meninos. Os dados estatisticamente significativos de outro estudo (ANDREAZZA-BALESTRIN *et al.*, 2012, p. 671) apontam que as meninas, sem alterações de linguagem, apresentam melhor desempenho em tarefas de consciência de rimas, consciência silábica e consciência fonêmica. Em contrapartida, os meninos apresentam maior facilidade nas tarefas de consciência de palavras. Esses achados não são convergentes aos encontrados no presente e em outros estudos sobre o assunto, com crianças diagnosticadas com (RIBAS *et al.*, 2013, p. 379) e sem (ROSAL; CORDEIRO; QUEIROGA, 2013, p. 843) Transtorno Fonológico, pois os mesmos revelam que o sexo não é estatisticamente significativo para a Consciência Fonológica adequada, já que tanto amostras com dados de meninas quanto de meninos apresentaram um número significativo de crianças com bom desempenho metalinguístico, mesmo com a discrepância acentuada entre o número de sujeitos do sexo masculino quando comparados ao feminino. O mesmo fenômeno – de discrepância entre meninos e meninas – pode ser observado nos serviços de fonoaudiologia, visto que há uma população maior de meninos encaminhados para atendimento com queixas de distúrbios da comunicação humana.

Em relação à faixa etária, os dados analisados vão ao encontro dos achados de um outro estudo

(RIBAS *et al.*, 2013, p. 379), que evidenciou não haver diferença significativa entre as idades e os resultados do CONFIAS. Ficou comprovado que a idade da criança por si só não influencia na habilidade de Consciência Fonológica.

Observou-se neste estudo a influência e a correlação entre a Consciência Fonológica e os níveis de alfabetização. Apesar de não ter sido estatisticamente significativo, se considerado o p valor igual ou menor que 0,05, é possível perceber que quanto mais avançado for o nível de escolaridade da criança, melhor será seu desempenho na habilidade de Consciência Fonológica e vice-versa. Há estudos (ANDREAZZA-BALESTRIN *et al.*, 2012, p. 673; FREITAS; CARDOSO; SIQUARA, 2012, p. 41; RIBAS *et al.*, 2013, p. 380) que afirmam que a habilidade de Consciência Fonológica é um facilitador para o processo de alfabetização, pois aprimora as capacidades metafonológicas para tal. Outro estudo (NOVAES, MISHIMA, SANTOS, 2013, p. 190), no entanto, afirma que há uma relação de reciprocidade entre elas, visto que alguns níveis de Consciência Fonológica antecedem a aprendizagem da linguagem escrita, enquanto outros são resultados dessa mesma aprendizagem. Pode-se, assim, concluir que a medida em que a alfabetização vai se aprimorando, a Consciência Fonológica também se qualifica, auxiliando a criança no aperfeiçoamento de suas funções cognitivas.

Da mesma forma que a criança avança nos anos escolares, espera-se que ela também evolua no processo de construção da escrita e, com isso, comece a apresentar níveis mais avançados de Consciência Fonológica (CARDOSO; SILVA; PEREIRA, 2013, p. 114; SOARES; JACINTO; CÁRNIO, 2012, p. 449; TENÓRIO; ÁVILA, 2012, p. 35), porém isso nem sempre acontece. Como é possível observar nos dados do presente estudo, a maioria dos participantes, mesmo em anos escolares mais avançados, ainda estão nas etapas iniciais da hipótese de escrita (pré-silábica e silábica), ou seja, pouco avançaram na relação entre o fonema e o grafema. O fato de as crianças deste estudo apresentarem Transtorno Fonológico poderia justificar o pouco avanço nos níveis de escrita e, conseqüentemente, na habilidade de Consciência Fonológica. Este achado sugere que, para crianças com Transtorno Fonológico, mais relevante do que a própria hipótese de escrita, é o tempo de exposição ao ensino formal, visto que este tem o papel importante na estimulação das habilidades de Consciência Fonológica, envolvendo habilidades de rima, aliteração e consciência silábica principalmente. Entretanto, há um estudo (CARDOSO; SILVA; PEREIRA, 2013, p. 114) que revela que crianças que estão na hipótese de escrita alfabética já possuem a Consciência Fonológica dos sons e, com isso, seu desempenho em avaliações como o CONFIAS e em avaliações de escrita podem se destacar em relação a outras crianças que estão ainda em processo de construção do conhecimento. Isso indica que existe uma relação mútua entre o nível de escrita que a criança apresenta e seu desempenho no teste de Consciência Fonológica. Porém, os achados encontrados no presente e em outro estudo

(SOARES; JACINTO; CÁRNIO; 2012, p. 448) revelam não haver uma significância estatística entre o nível de escrita e a habilidade de Consciência Fonológica.

Como é possível observar, crianças com Transtorno Fonológico são capazes de refletir sobre os sons de sua língua e de responder adequadamente a testes de Consciência Fonológica, como o CONFIAS. Apesar da dificuldade linguística aparente, muitas crianças apresentam desempenho satisfatório no nível considerado mais difícil, que é o nível do fonema, nível este que, necessita de instruções expressas sobre a estrutura da escrita alfabética e que, de acordo com este estudo, é estatisticamente significativo para a habilidade de Consciência Fonológica. Já o nível da sílaba, considerado um nível que demanda conhecimento mais básico da habilidade metalinguística, visto que sílabas isoladas são manifestadas como unidades discretas da fala que se desenvolvem espontaneamente, demonstrou não ser estatisticamente significativo para a habilidade de Consciência Fonológica em crianças com Transtorno Fonológico. Há estudos (DIAS; MEZZOMO, 2016, p. 24; MEZZOMO *et al.*, 2014, p. 332) que evidenciam que a habilidade em Consciência Fonológica pode ser um fator favorecedor na terapia para o Transtorno Fonológico, pois auxilia no aperfeiçoamento das habilidades metalinguísticas e na mudança do sistema fonológico desviante da criança. O trabalho na clínica fonoaudiológica, portanto, deve priorizar atividades de consciência fonêmica, pois essas parecem ser mais eficazes do que atividades de consciência silábica para crianças com Transtorno Fonológico.

A análise estatística realizada neste estudo com a variável CPDF sugere que um bom desempenho neste teste, ou seja, a capacidade de reconhecer os desvios de sua fala, não tem relação com a habilidade de Consciência Fonológica, já que as crianças apresentaram resultados assimétricos. Nem todas que demonstraram bom desempenho em Consciência Fonológica tiveram resultados adequados no teste de CPDF. Cabe ressaltar que a habilidade de consciência do próprio desvio de fala e a de Consciência Fonológica são consideradas habilidades metalinguísticas para alguns pesquisadores (DIAS *et al.*, 2012, p. 1245). Todavia, a habilidade de consciência do próprio desvio de fala depende de representações de detalhes acústico-articulatórios das palavras, podendo sofrer influência de inflamações de orelha média ou externa, comuns na infância, como é o caso das otites, enquanto que a de Consciência Fonológica requer representações das mesmas no léxico, podendo ser facilmente influenciada pelo Processamento Auditivo Central. Assim como encontrado no presente estudo, crianças com Transtorno Fonológico podem apresentar habilidade Consciência Fonológica adequada e isso não garante que as mesmas reconhecerão seu próprio desvio de fala.

## 5. Conclusões

Os resultados encontrados no presente estudo demonstram que, das variáveis extralinguísticas como idade, sexo, escolaridade e hipótese de escrita, bem como das variáveis linguísticas como o desempenho no teste de CPDF e no teste do CONFIAS, o importante para crianças com Transtorno Fonológico desenvolverem uma habilidade de Consciência Fonológica adequada parece ser os anos de instrução formal. Com estes resultados, pode-se inferir que há uma estreita relação entre o desempenho nas habilidades de Consciência Fonológica e o nível de escolaridade das crianças com Transtorno Fonológico, ou seja, quanto mais avançado for o nível de escolaridade das crianças, melhor serão suas habilidades metalinguísticas. Além disso, percebe-se que quanto mais conhecimento e reflexão a criança tiver acerca dos sons de sua língua, melhor será seu desempenho nas tarefas que avaliam sua habilidade de Consciência Fonológica, principalmente no nível do fonema.

O conhecimento dos achados deste estudo pode contribuir para o processo de terapia fonoaudiológica, visto que o trabalho com atividades de consciência fonêmica com crianças com Transtorno Fonológico seria muito mais eficaz do que atividades de consciência silábica. Além de tal perspectiva, os achados também corroboram com resultados semelhantes e a relação destes com a contribuição para a alfabetização. Considerando a importância deste conhecimento para o processo de aprendizagem, sugere-se que as metodologias de ensino da língua escrita fortaleçam o conhecimento metalinguístico a respeito dos sons que compõem a fala, pois a retroalimentação entre habilidades de Consciência Fonológica e de escrita parecem levar a um melhor desempenho das crianças em tal processo.

Novas pesquisas, com um número maior de sujeitos, devem ser realizadas com o intuito de investigar mais detalhadamente as relações entre a habilidade de Consciência Fonológica e demais variáveis linguísticas e extralinguísticas. Todavia, pode-se concluir que, mais do que a idade, sexo e consciência do próprio desvio de fala, o importante para desenvolver uma boa habilidade de Consciência Fonológica são os anos de instrução formal, com metodologia de ensino de leitura e escrita que potencializa a capacidade metafonológica, por meio da reflexão sobre os sons e o ensino sistemático da relação fonema-grafema, visando a plena alfabetização.

## REFERÊNCIAS

ANDREAZZA-BALESTRIN, Carla et al. Habilidades em consciência fonológica: diferenças no desempenho de meninos e meninas. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 669-676, jul./ago. 2012.

BACKES, Fabieli T. et al. A influência da gravidade do desvio fonológico na determinação da alta fonoaudiológica. *Distúrbios Comunicação*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 65-72, abr 2013.

BERTICELLI, Aline; MOTA, Helena Bolli. Ocorrência das estratégias de reparo para os fonemas plosivos, considerando o grau do desvio fonológico. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 572-578, mai./jun. 2013.

CARDOSO, Andreia Martins de Souza; SILVA, Mônica Marins da; PEREIRA, Mônica Medeiros de Britto. Consciência fonológica e a memória de trabalho de crianças com e sem dificuldades na alfabetização. *CoDAS*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 110-114, 2013.

DIAS, Roberta Freitas *et al.* Consciência do próprio desvio de fala e processamento auditivo no desvio fonológico. *Revista CEFAC*, São Paulo, v.14, n. 6, p. 1242-1248, out./dez. 2012.

DIAS, Roberta Freitas; MEZZOMO, Carolina Lisboa. Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos com base na estimulação de habilidades em consciência fonológica. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 14-26, mar. 2016.

FREITAS, Patrícia Martins de; CARDOSO, Thiago da Silva Gusmão; SIQUARA, Gustavo Marcelino. Desenvolvimento da consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade: avaliação de habilidades de rima. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 29, n. 88, p. 38-45, 2012.

MELO, Roberta Michelon *et al.* Parâmetros acústicos do contraste de sonoridade das plosivas no desenvolvimento fonológico típico e no desviante. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 304-312, 2012.

MENEZES, Gabriela Ribeiro Castro. *A Consciência Fonológica na relação fala-escrita em crianças com Desvios Fonológicos Evolutivos*. 1999. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 24 ago. 1999.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa *et al.* A influência das habilidades em Consciência Fonológica na terapia para os desvios fonológicos. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 328-335, jan./fev. 2014.

MOOJEN, Sônia *et al.* *Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial*. 2ª Ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

NOVAES, Carolina Bernardi de; MISHIMA, Fabíola; SANTOS, Patrícia Leila dos. Treinamento breve de Consciência Fonológica: impacto sobre a alfabetização, *Revista. Psicopedagogia*, São Paulo, v. 30, n. 93, p. 189-200, 2013.

RIBAS, Letícia Pacheco *et al.* Consciência fonológica em crianças com desvio fonológico. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 373-382, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_; SANT'ANNA, Bruna Santos; SILVA, Kariny Zencke da. Variáveis facilitadoras na produção de palavras: dados de fala de crianças com Transtorno Fonológico. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 9, n. 5, p. 288-308, dez. 2015.

ROSAL, Angélica Galindo Carneiro; CORDEIRO, Ana Augusta de Andrade; QUEIROGA, Bianca Arruda Manchester. Consciência fonológica e o desenvolvimento do sistema fonológico em crianças de escolas públicas e particulares. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 837-846, jul./ago. 2013.

SCOPEL, Ramilla Recla; SOUZA, Valquíria Conceição; LEMOS, Stela Maris Aguiar. A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 732-741, jul./ago. 2012.

SOARES, Aparecido José Couto; JACINTO, Laís Alves; CARNIO, Maria Silvia. Memória operacional fonológica e consciência fonológica em escolares ao final do ciclo I do ensino fundamental. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 17, n. 4, p. 447-453, dez. 2012.

TENORIO, Sabrina Maria Pimentel da Cunha Pinto; ÁVILA, Clara Regina Brandão de. Processamento fonológico e desempenho escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 30-38, jan./fev. 2012.

VIEIRA, Michele Gindri. Memória de trabalho e consciência fonológica no desvio fonológico. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 652-677, jul./dez. 2014.

WERTZNER, Haydée Fiszbein *et al.*. Medidas fonológicas em crianças com transtorno fonológico. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 189-195, abr./jun. 2012.

YAVAS, Mehmet; HERNANDORENA, Carmen L. Matzenauer; LAMPRECHT, Regina Ritter. *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.